

**UNIVERSIDADE SANTO AMARO  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**ANA PAULA SILVA DIAS**

**A TRAGÉDIA, O HUMOR E A CATARSE DIANTE DA  
MORALIDADE:  
Análise do Filme “Coringa” à Luz da Psicanálise**

**SÃO PAULO**

**2021**

**UNIVERSIDADE SANTO AMARO  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**ANA PAULA SILVA DIAS**

**THE TRAGEDY, HUMOR AND CATHARSIS FACING  
MORALITY:  
Analysis of the “Joker” Film in the Light of Psychoanalysis**

**A TRAGÉDIA, O HUMOR E A CATARSE DIANTE DA  
MORALIDADE:  
Análise do Filme “Coringa” à Luz da Psicanálise**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Psicologia  
da Universidade Santo Amaro –  
UNISA, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Bacharel em  
Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Heidrich  
da Silva

**SÃO PAULO  
2021**

D53t Dias, Ana Paula Silva

A tragédia, o humor e a catarse diante da moralidade: análise do filme “Coringa” à luz da psicanálise / Ana Paula Silva Dias. – São Paulo, 2021.

47 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Santo Amaro, 2021.

Orientador(a): Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva

1. Psicanálise. 2. Risada. 3. Tragédia. 4. Humor. 5. Moral. I. Silva, Gerson Heidrich da, orient. II. Universidade Santo Amato. III. Título.

**A TRAGÉDIA, O HUMOR E A CATARSE DIANTE DA MORALIDADE:  
Análise do Filme “Coringa” à Luz da Psicanálise**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da  
Universidade Santo Amaro - UNISA, como requisito parcial para obtenção do título  
Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Gerson Heidrich da Silva

São Paulo, 16 de Novembro de 2021.

**Banca Examinadora**

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>o</sup>. Dr. Gerson Heidrich da Silva

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>o</sup>.

Conceito Final

## **Agradecimentos**

*Ao Gabriel, por me apresentar o fascinante universo geek, onde heróis e vilões coexistem socialmente, da pele para fora, e individualmente, da pele para dentro.*

*Às minhas fortes e fortalecedoras raízes, Ruth e Carlos, pela sustentação de uma vida inteira.*

*Ao Igor, pelo zelo e encorajamento especialmente oferecidos nos momentos em que desacreditei de mim.*

*À Vitória, pela parceria, me ensinando que dor compartilhada é dor dividida.*

*Aos admiráveis e amorosos amigos que não apenas ouviram todos os meus devaneios direcionados ao filme, desde seu lançamento, mas me impulsionaram em todo o percurso da construção desta obra: Rebecca; Daniela; Elaine; Pedro; e Kelly.*

*À Jainne, pelo primeiro voto de confiança para a possibilidade de construir uma escuta, propriamente dita, para Arthur Fleck e pela real e necessária escuta a mim concedida.*

*Ao Gerson, pelo respeito ao subjetivo tempo para a produção e por desafiar meu olhar às resistências na elaboração da compreensão acerca do personagem.*

*Aos professores e colegas do curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro, por contribuírem para a construção da profissional que estou me tornando.*

*À falta e às Pulsões que me habitam.*

*Ao humor, mais revelador e digno do que o estimado.*

*À tragédia, inevitável, porém necessária.*

*À catarse, por permitir.*

...

***“A comédia é subjetiva, Murray! Não é o que eles dizem? Todos vocês, o sistema que sabe tudo. Vocês decidem o que é certo ou errado, do mesmo jeito que decidem o que tem graça e o que não tem.”***

**Arthur Fleck**

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar, à luz da psicanálise, o riso e a risada subjacentes aos discursos manifestos e contextos vividos pelo personagem Arthur Fleck, no filme “Coringa”, de 2019. A obra suscitou importantes temáticas da vida social, como: maternidade; violência; condenação; solidão; e pertencimento. As quais propiciaram as principais noções resultantes da pesquisa: a tragédia da vida; o humor como enfrentamento; e a catarse. Para isso, foi utilizada a metodologia de pesquisa exploratória, a fim de investigar a correlação entre o humor, a tragédia e a moral sob o olhar psicanalítico. Concluiu-se que Arthur, a partir do retorno às arqueologias dos sintomas, sai de um cotidiano repetitivo e elabora um novo futuro, rompendo sua busca pelo pertencimento social em prol da realização de seus desejos subjetivos.

**Palavras-chave:** psicanálise; risada; tragédia; humor; moral.

## **ABSTRACT**

The present work aimed to analyze, in the light of psychoanalysis, the laughter and laughter underlying the manifest speeches and contexts experienced by the character Arthur Fleck, in the 2019 movie "The Joker". The work raised important themes of social life, such as: maternity; violence; conviction; loneliness; and belonging. Which provided the main notions resulting from the research: the tragedy of life; humor as a confrontation; and catharsis. For that, the exploratory research methodology was used, to investigate the correlation between humor, tragedy and morality under the psychoanalytical point of view. It was concluded that Arthur, from the return to the archeologies of symptoms, leaves a repetitive daily life and elaborates a new future, breaking his search for social belonging in favor of the fulfillment of his subjective desires.

**Keywords:** psychoanalysis; laughter; tragedy; humor; moral.



## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	9
2	OBJETIVO.....	11
3	CONTEXTO TEÓRICO.....	11
3.1	A Psicanálise .....	11
3.2	A Moralidade e a Catarse Sob a Ótica Psicanalítica .....	15
3.3	O Chiste Freudiano e o Humor na Tragédia .....	18
4	METODOLOGIA.....	22
4.1	Aspetos Éticos.....	22
4.2	Tipo de Estudo .....	22
4.3	Coleta de Dados.....	22
4.4	Resultados .....	23
5	DESENVOLVIMENTO .....	24
5.1	A análise propriamente dita: do riso a catarse .....	24
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
	REFERÊNCIAS.....	42
	ANEXO .....	45

## 1 INTRODUÇÃO

A origem do Coringa assim como o discurso do personagem são grandes incógnitas desde seu surgimento, afinal diversas e contraditórias narrativas já foram publicadas em Histórias em Quadrinho e representadas cinematograficamente. Apesar disso, Coringa é um vilão sempre inédito e questionável.

A versão de Coringa de 2019, objeto de estudo do presente trabalho, é mais uma nova história para o personagem, desta vez vivido por Arthur Fleck, o qual foi interpretado por Joaquim Phoenix, famoso por sua dedicação a dar luz para personagens complexos, assumindo uma licença poética incontestável e imprescindível ao enredo. A obra, dirigida por Todd Phillips, pertence ao aparato de filmes da “DC Black” – produções independentes do sequencial “Universo Compartilhado e Estendido da DC”.

“Coringa” (2019) concorreu a mais de 30 prêmios das mais prestigiadas premiações do cinema, sendo: Oscar; Globo de Ouro; Critic’s Choice Award; Leão de Ouro; Leão de Prata; BAFTA de Cinema; Festival de Veneza; entre outros. Tais indicações consideraram que o filme poderia ser o “Melhor” nas seguintes categorias: Ator; Filme; Filme Dramático; Roteiro Adaptado; Diretor; Fotografia; Efeitos Visuais; Maquiagem e Penteados; Figurino; Montagem; Trilha Sonora; Mixagem de Som; Edição de Som; Design de Produção; entre outros. Ao todo, o filme ganhou 16 prêmios e é a maior bilheteria da história do cinema de filmes para maiores de dezoito anos.

A repercussão e o prestígio causados pelo longa foram conquistados pela fidelização à ideia de envolver o público, não apenas na compreensão íntima e na legitimação do discurso de um doente mental solitário em uma sociedade rude, hostil e desigual, mas também ao provocá-lo à autorreflexão e percepção em temáticas sociais como: maternidade, violência, pertencimento, condenação e solidão.

Abandonos, violências, ausências, negligências e vínculos sociais negativos compõem a história de Arthur Fleck. Diante dessas vivências, diversos tipos de sorrisos e risadas surgem e transformam-se conforme os contextos e escolhas do personagem.

O histórico de vida cruel não é novo para as histórias do personagem,

Todd Phillips (diretor) e Scott Silver (roteirista) inspiraram-se em “Batman: A Piada Mortal” (1999) – a História em Quadrinho da DC Comics, que conta com um roteiro de Alan Moore e a arte por Brian Bolland – onde o vilão número um de Batman, Coringa, após uma série de acontecimentos atroz, declara (pag. 41): “só é preciso um dia ruim para reduzir o mais são dos homens a um lunático. Essa é a distância entre o mundo e eu... apenas um dia ruim”. No decorrer da história roteirizada por Alan Moore (1999), o Coringa constantemente estimula, de maneira bastante persuasiva, o Batman a repensar a similaridade existente na construção e contextualização da história individual de ambos – Batman também viveu um dia ruim que mudou sua vida, o dia da morte dos pais. Tal convergência existe devido às similares vivências sociais e as mascaradas identidades atribuídas a cada um.

Também inspirado na HQ citada acima, o Coringa estrelado por Heath Ledger, em “Batman: O Cavaleiro das Trevas” (2008), dirigido por Christopher Nolan, também provoca a moralidade de Batman quando o responde (1 hora e 28 minutos):

“eu não quero matar você. O que eu faria sem você?... Eu preciso de você... Não fale como um ‘tira’, você não é, nem se quisesse ser. Para eles, você é só um louco, igual a mim. Precisam de você agora. Quando não for útil vão expulsar você, como um leproso. A moral deles, a honra, é uma piada ruim. Eles se esquecem ao primeiro sinal de problema. As pessoas são tão boas quanto o mundo permite. Eu não sou um monstro, eu só estou na vanguarda”.

Este discurso permite a reflexão e desconstrução dos conceitos como “bom” ou “ruim”, “bem ou mal”, “certo” ou “errado”, uma vez que o herói e o vilão podem ter o mesmo histórico de sofrimento, mas é a moral que se apresenta como grande norteadora do enfrentamento psíquico.

A moralidade é pauta de diversos discursos, indagações e provocações manifestadas pelo personagem Coringa, tornando-se passível de análise sob a ótica psicanalítica, considerando a tragédia da vida; o humor como enfrentamento; e a catarse que permite a traição. Assim, apresenta-se neste estudo uma análise psicanalítica sobre o riso subjacente aos discursos manifestos do personagem “Coringa”, Arthur Fleck, de (2019), considerando seu contexto de vida norteador pela noção de moralidade.

## **2 OBJETIVO**

O objetivo do presente trabalho foi analisar, à luz da psicanálise, o risco subjacente aos discursos manifestos e contextos vividos por Arthur Fleck, no filme “Coringa” (2019), oferecendo-lhe uma merecida escuta supostamente desejada.

## **3 CONTEXTO TEÓRICO**

### **3.1 A Psicanálise**

Em contrapartida à maioria das teorias já existentes no campo da psicologia, no final do século XIX, Sigmund Freud traz à tona a Psicanálise que, de acordo com Bock (2009), é uma teoria, um método de investigação e uma prática profissional fundamentados num conjunto de conhecimentos sintetizados sobre o funcionamento da vida psíquica, que se dá através da interpretação de conteúdo (discursos, sonhos, atos falhos, fantasias, associações livres etc.) na própria análise. A origem da psicanálise é uma resposta à necessidade que a ciência tinha de entender os males individuais e coletivos, desconexos de experiências físicas ou biológicas (ZIMERMAN, 2004).

É válido ressaltar que as produções de Freud foram baseadas em experiências pessoais, e mesmo não sendo uma aquisição universal e definitiva, pode ser realizada por cada novo paciente e por cada novo psicanalista, tendo em vista como principal objetivo o de descobrir as regiões obscuras da vida psíquica, superando as resistências interiores (BOCK, 2009).

Freud direcionou-se à possibilidade de que as experiências emocionais e vivências históricas de um indivíduo mobilizam o organismo, incluindo questões como: se o tratamento dos sintomas se dá pela palavra, talvez a causa deles também tenha surgido a partir da palavra; se o rebaixamento da consciência resgata os sintomas, eles possivelmente foram criados por meio de uma alteração da consciência. Freud as denominou de traumas psíquicos (FREUD, 1926/1996).

Já o processo psíquico que oculta e suprime da consciência um pensamento ou representação dolorosa que está na origem do sintoma, chamou de repressão. (BREUER; FREUD, 1895/1990). Ainda, Freud defende que a teoria da repressão é a pedra angular na qual repousa toda a estrutura da

psicanálise. (FREUD, 1914/1996)

Os pacientes de Freud começavam a lhe contar seus sonhos apresentando esses conteúdos psíquicos localizados no inconsciente. O sonho constitui-se como a objetivação de um desejo, considerando que no sonho o desejo é cumprido. O sonho é uma realização alucinada do desejo. (FREUD, 1900/1987)

Freud (1900/1996) descreve o desejo como: sexual, inconsciente, infantil e recalcado, ressaltando que o desejo é sempre um retorno. Laplanche e Pontalies (2001) completam dizendo que o desejo tende a realizar-se através do restabelecimento dos sinais ligados às primeiras experiências de satisfação. É no inconsciente que o desejo se encontra. Ele é quem motiva a conduta, os sentimentos e as palavras, através de impulsos, desejos ou instintos que estão além da consciência. Os processos inconscientes apenas alcançam a consciência depois de serem suficientemente disfarçados e/ou distorcidos para escapar da censura. (FEIST; FEIST; ROBERTS, 2015)

O consciente é responsável por gerar conflitos entre os interesses conscientes e os interesses inconscientes, os quais são manifestados por meio de sintomas, expressão da pulsão freudiana que existe no inconsciente. A pulsão é um processo dinâmico que consiste na pressão energética que leva o organismo a inclinar-se para um objetivo, com fonte numa excitação corporal - estado de tensão. Tal estado de tensão busca a auto supressão através de um objeto, e é somente nele que a pulsão pode atingir seu objetivo. (LAPLANCHE & PONTALIES, 2001) Sendo assim, Eros é a pulsão de vida, que são pulsões sexuais e as de autoconservação, e Tânatos é a pulsão de morte, sendo autodestrutiva ou que se manifesta para o exterior como pulsão agressiva ou destrutiva (ROUDNESCO & PLON, 1998).

Freud (1917/1990) comparou a estrutura da psiquê humana como um hall de entrada (inconsciente), onde muitas pessoas diferentes, perturbadas, e de má reputação estão perambulando na tentativa incessante de entrar na sala de recepção, porém, há um vigilante que é responsável por impedir que essa grande massa de pessoas indesejáveis, ameaçadoras e desordeiras entre em contrato com as pessoas que estão na sala de recepção (subconsciente), as quais podem ou não alcançar o "rei" (consciente). Posteriormente, Freud (1923/1990) complementou a estrutura psíquica com três instâncias que

ajudaram o médico a explicar as imagens mentais de acordo com suas funções e propósitos: Id, Ego e Superego.

O Id é primitivo, ilógico, atemporal e amoral (FEIST; FEIST; ROBERTS, 2015). Tem como única função a busca pelo prazer, e é responsável por abrigar os desejos indesejáveis. Por ser completamente inconsciente, não tem nenhum contato com a realidade, embora tente constantemente alcançar o mundo externo, que só se faz possível com a permissão do ego (FREUD 1923/1990). O ego inibe e controla os impulsos do Id, podendo reprimi-los ou utilizar de mecanismos de defesa para realizá-los sem comprometer a imagem moral do indivíduo. Ainda, segundo Freud (1923/1990), o ego é a única fonte de comunicação do indivíduo com o mundo externo, contato com a realidade, e no decorrer do desenvolvimento da infância o ego media o que fazer para obter prazer e evitar o desprazer, tal discernimento se dá através das recompensas e punições oferecidas pelos vínculos parentais. Deste modo, desenvolve-se a extensão do ego, o superego.

O superego é um elemento estrutural do aparelho psíquico que reúne normas, regras e padrões que definem o discernimento entre o certo e o errado. O início de sua formação se dá a partir das punições, correções e ensinamentos oferecidos pelas figuras objetivas durante a infância do sujeito, e se constrói na medida proporcional da resolução dos conflitos edípicos, em meados dos 6 aos 7 anos de idade (FREUD, 1923/1990).

O superego é um acusador e punidor do ego “quando o desejo é realizado” - às vezes, o desejo é apenas pensado ou cogitado, mas o superego já se faz presente e o sujeito não depende mais dos cuidadores para a punição, então a culpa é iminente mesmo que sem nenhuma ação (BOCK, 2002). Sendo assim, o superego é a instância impeditiva do prazer em benefício da moralidade (FREUD, 1923/1990). É importante ressaltar que o superego também envolve questões com controle, afinal ele controla as outras duas partes da psiquê humana, o Id e o Ego.

Freud denominou de libido a energia dos instintos sexuais, anatômicos, que são manifestados nas zonas erógenas dos órgãos corporais (FREUD, 1923/1990). Com o passar do tempo, as fases do desenvolvimento psicosssexual se transformam e, através da interação, deixam pontos de fixação formados através de gratificações, punições e/ou frustrações de alguma zona erógena. O

que, futuramente, pode levar o indivíduo a um movimento de regressão. (ZIMERMAN, 2004)

Freud (1905/1968) traz à tona as fases do desenvolvimento, ressaltando as zonas erógenas e a devida faixa etária de cada fase, sendo: Fase Oral (boca, de 0 à 2 anos) ; Fase Anal (ânus, de 2 à 4 anos); Fase Fálica (órgão sexual, de 4 à 6 anos); Período de Latência (até a puberdade) e a Fase Genital (o outro, adolescência). Se há um desequilíbrio em alguma dessas fases, o indivíduo adulto apresenta maior possibilidade de sintomas ligados ao não amadurecimento adequado da fase em questão (FREUD, 1923/1990).

Contudo, dentre os diversos acontecimentos decorrentes nas fases do desenvolvimento, se sobressai o Complexo de Édipo, um intenso drama vivido pela criança no período situado entre o quarto e o sexto ano de vida, na fase fálica, no qual se estabelece um conjunto de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta em relação à figura objetual do sexo oposto ou à figura representativa desse papel, acompanhado por uma rivalidade com o genitor do mesmo sexo (SANTOS, 2014).

Os primeiros anos de vida de um indivíduo deixam marcas profundamente significativas na estrutura psíquica, onde a maioria dos pensamentos e desejos reprimidos da infância, caracterizados pelas experiências de caráter traumático, são de natureza sexual e configuram a origem de sintomas na vida adulta. Estes sintomas psicanalíticos são produções resultantes de conflitos psíquicos entre o desejo e os mecanismos de defesa (FREUD, 1905/1968).

Conforme citado por Flores (2008), existe um conjunto de necessidades básicas que a criança deve receber para crescer de maneira saudável e feliz, tornando-se um adulto forte e equilibrado. Analisando as estruturas familiares, verifica-se que há carência, despreparo e desmotivação para cumprir esta árdua missão, afinal os pais também são filhos que tiveram necessidades e, se foram supridas ou não, é uma questão subjetiva. O sistema sociocultural contribui para que essas necessidades básicas não sejam supridas apenas pelo vínculo familiar, afinal esta falta de proteção, a irresponsabilidade e o desrespeito, podem acontecer em todos os setores sociais: na família, na escola, no trabalho e na relação com os pares, e são os que mais contribuem para a desestruturação psicossocial do indivíduo (FLORES, 2008).

Retomando, no anseio de compreender o porquê seus pacientes

esqueciam (defesa) de conteúdos tão significativos – frequentemente apresentados como sendo dolorosos, angustiantes ou algo intensamente desejado pelo sujeito –, Freud percebeu que, na medida em que os pacientes associavam livremente, ressurgiam recordações esquecidas que estavam à disposição de associações com fatos já sabidos por estes. Permitindo a descoberta do método da associação livre (FREUD, 1926/1996).

É válido ressaltar que as ideias que governavam tais defesas tinham natureza aflitiva, capazes de despertar emoções de vergonha, de autocensura e de dor psíquica (GARCIA-ROZA, 2009). Então, Freud (1895/1977) observou que alguma força detinha essas ideias, fazendo-as permanecer inconscientes, deu a ela o nome de resistência.

### **3.2 A Moralidade e a Catarse Sob a Ótica Psicanalítica**

Expandindo os conceitos já definidos pela filosofia do que diz respeito à moral, e somando às próprias teorias sobre o aparelho psíquico, Freud (1908/1990) observou a existência de uma relação entre consciência moral e a etiologia das neuroses – expressão de conflitos entre a realidade externa e os desejos inconscientes. A convivência em comunidade criou nos indivíduos uma espécie de ética coletiva, a fim de dominar as forças agressivas e destrutivas do ser humano, estabelecendo vínculos saudáveis e protegidos. E, Freud (1913/1990), através das experiências clínicas com pacientes que viviam conflitos éticos, sustenta que tanto a civilização quanto a neurose possuem a mesma origem: a renúncia pulsional.

Só se é capaz de acatar às normas éticas para o convívio na civilização os que possuem uma estrutura psíquica organizadora das pulsões que precisam ser renunciadas, as quais ganham outros destinos, considerando as possibilidades subjetivas do indivíduo (FREUD, 1930). Para tal renúncia, encontrou-se duas principais maneiras de lidar com as pulsões indesejáveis, sendo: a) o recalque – processo de rebaixamento (para o inconsciente) que ocorre com o desejo, conteúdo ou lembrança que conflita com ideais, regras e normas culturais muito bem estabelecidos no superego (FREUD, 1914/1990); b) a sublimação – repressão de impulsos e idealizações que são substituídos por uma causa ou propósito cultural/social. Neste, ambos ganham, o indivíduo e o



grupo social (FREUD, 1917/1990). É de suma importância abordar que, posteriormente, Freud (1939/1990) ressalta que a ética é um limitante das pulsões e que por isso ela pode estar na origem de algumas patologias psíquicas.

Considerando que o superego é um produto do conflito entre as pulsões e a realidade, Freud (1923/1990) suscita que, como parte da vivência do complexo de Édipo, o superego constitui-se pela introjeção do amor sexual em relação às figuras objetais. Conforme descrito:

Durante o período edípico, a criança introjeta a autoridade e os valores de um ou de ambos os pais – uma introjeção que dá início à formação do superego. Quando as crianças introjetam o que elas percebem como valores de seus pais, elas são aliviadas de trabalho de avaliar e escolher suas próprias crenças e padrões de conduta. (FEIST; FEIST; ROBERTS, 2015. p. 26)

Porém, subsequentemente, o Freud (1930/1990) completa que, por uma espécie de medo da perda do amor dos pais, há um processo de introjeção dos impulsos (inconscientes) agressivos, uma vez que não podem ser supridos no mundo externo. É válido considerar que tal medo, posteriormente, volta-se à possibilidade de trair o superego.

Revisando, o superego é uma instância representativa da moral social no sujeito, e é estabelecido através das interdições parentais e exigências da realidade. No entanto, a severidade do superego não se dá pela rigidez proposta na criação do indivíduo, mas na quantidade de controle da agressividade introjetada, sendo assim, resultante dos intensos conflitos entre a proibição e o desejo (FREUD, 1923/1990).

Para a compressão do termo “catarse” será necessário retornar às primeiras vivências e descobertas psicanalíticas de Freud.

Nascido em 1856, Sigmund Freud formou-se em Medicina pela Universidade de Viena em 1881 - é interessante observar que, neste momento, muitas descobertas científicas no campo da neurobiologia estavam acontecendo, como por exemplo: o neurônio (GAY, 2012). Em 1885, obteve uma bolsa de estudos em Paris, onde estudou com um renomado médico e pesquisador francês, Charcot, no Hospital Salpêtrière. Neste período, Freud observou as manifestações da histeria e os efeitos da hipnose e da sugestão, descobrindo que suas pacientes apresentavam sintomas físicos de origem psicológica e não fisiológica (SANTOS, 2014).

Quando Freud retornou a Viena, enfrentou um círculo médico apresentando-lhes, em conferência, o resultado de suas observações sobre a histeria, mas fora criticado e ironizado (SANTOS, 2014). Mesmo com grande vontade de se tornar pesquisador, por ser judeu Freud encontrou dificuldades em se tornar professor na universidade, então, por falta de espaço para seu trabalho e pesquisa, passou a procurar por clínicas particulares onde ele poderia habilitar suas contribuições médicas (GAY, 2012).

Neste contexto, conheceu o médico e cientista Dr. Josef Breuer, e juntos adotaram o método catártico – tratamento sob hipnose que possibilita a liberação de afetos e emoções ligadas a acontecimentos traumáticos que não puderam ser expressos na ocasião da vivência desagradável ou dolorosa, levando à eliminação dos sintomas – nos tratamentos de histeria (BREUER; FREUD, 1895/1990).

Ainda, Breuer e Freud (1895/1990) observaram que os sintomas histéricos individuais desapareciam imediatamente e permanentemente quando o paciente conseguia evocar – ainda sob estado da hipnose e enquanto descreviam o fato com a maior quantidade de detalhes possíveis, traduzindo a emoção em palavras – a lembrança do fato que os provocou e despertar a emoção que os acompanhava.

A reação da pessoa, agravada em relação ao trauma, apenas exerce um efeito inteiramente catártico se for uma reação adequada – por exemplo, a vingança. Porém, considera-se a linguagem como possível substituto para a ação, assim uma emoção pode ser “ab-reagida” (retornada e/ou requalificada) quase com a mesma eficácia. Em alguns casos, falar é por si mesmo o reflexo adequado, quando, por exemplo, essa fala corresponde a um lamento ou à enunciação de um segredo atormentador, uma confissão. Se não houver tal reação – seja em ações, palavras ou por meio de lágrimas – qualquer lembrança do fato retém sua tonalidade afetiva (BREUER; FREUD, 1895/1990).

De acordo com Jablonski (1978), em termos patológicos da histeria, por diversos motivos não haveria um descarregador adequado. Afinal, sem a catarse, o afeto – a emoção – permanece num estado reprimido e a lembrança da experiência, à qual ele está ligado, continua isolada da consciência.

Mais tarde, Freud observou que a catarse não era suficiente, conscientizando-se das suas limitações. Ou seja, embora fosse útil para alívio

sintomático, carecia de importância no processo de descoberta das causas reais da histeria. Para tal, seriam necessárias outras técnicas, mais cognitivas, que propiciassem ao ego e possibilidade de lidar realisticamente com as forças inconscientes propulsoras da neurose (JABLONSKI, 1978).

Mesmo correndo o risco de um posicionamento excessivamente simplista, o autor defende que é possível extrair duas conclusões mutuamente exclusivas:

“(…) a) a catarse é terapêutica e implica na lembrança de conteúdos reprimidos e na concomitante descarga somática de emoções, sob a forma de lágrimas, risos e expressões de raiva, além de intensas manifestações físicas e verbais; (b) na verdade, a essência ou principal fator curativo em tais terapias não é a catarse em si (a ab-reação) mas a reintegração afetiva e intelectual dessas liberações emocionais dentro de um quadro dito de mediação cognitiva (JABLONSKI, 1978, p. 81).

É importante mencionar que Freud (1905/1996) levanta a possibilidade da correlação entre humor e catarse, afinal o humor opera segundo um princípio da redução de tensão.

### **3.3 O Chiste Freudiano e o Humor na Tragédia**

Inspirado pela não completude de algumas teorias já produzidas sobre o humor, Freud, na obra “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, desvendou o que causa o riso resultante da piada e a economia psíquica relacionada ao riso (FREUD, 1905/1996).

Para Natércia (2005), o chiste é o gracejo breve e é na brevidade – expressa com a condensação: dois campos de significados que se unificam, causando a surpresa – que reside a graça, a qual alcança o outro e provoca a hilaridade ou riso. Ainda, a autora ressalta que há uma diferenciação entre o chiste e a piada, que por sua vez, é a qual “envolve uma narrativa que, em si, não é o que produz o riso”, nela há descrições específicas, contextos, tipos, personagens, situações que, de certa forma, envolvem a audiência e a prepara para um desfecho cômico que, às vezes, são socialmente controversos.

O chiste pode ser considerado como uma válvula de escape do inconsciente, uma vez que viabiliza a sustentação do fazer ou expressão na relação com o outro a despeito da caça que o superego faz às intenções inconscientes. Esse processo se dá por meio da transformação de verdades cruéis brutas – agressividade manifestada pelo inconsciente – em palavras

manejadas, no tom adequado, que provocam o riso. (FREUD, 1905/1996)

O chiste atua como um álibi de alguma verdade do sujeito, ainda não dita. Subsequentemente, o tom humorizado faz com que o outro sequer perceba a verdade subjacente ao efeito chistoso. Tal verdade refere-se ao absurdo, à revelação de sentido, ao censurado. Afinal, qualquer tentativa de trazê-la à tona num discurso formal, resultando na perda do seu sentido humorístico e fazendo dela um saber triste ou sério (FREUD, 1927/1980).

Freud (1905/1996) ressalta que sempre há uma intenção e que todas as coisas podem ser ditas através da brincadeira, inclusive a verdade. Um possível questionamento subjacente é a não responsabilização – culpa ou condenação causadas pelo superego –, afinal trata-se apenas de uma brincadeira.

Santos (2001) retrata que a motivação dos chistes inconscientes é, em sua grande maioria, a vontade de exibir a própria inteligência, mas a produção dos chistes tendenciosos relaciona-se com a existência de instintos inibidos. A obra dos chistes é importante para o entendimento da teoria do inconsciente freudiano, afinal é o chiste que ajuda a descarregar a agressividade tendencialmente reprimida. Ainda, o chiste consiste na formação do inconsciente que se insere no social e necessita do outro para referendá-lo (MORAIS, 2008).

Segundo Freud (1905/1996), na infância o chiste extrai o prazer no jogo de aprendizagem do uso de palavras e pensamentos da criança, sendo prazeroso quando resultam da repetição do semelhante, do reencontro do conhecido e da semelhança sonora. Tais efeitos prazerosos impulsionam a criança ao hábito do jogo, que neste momento ignora o significado das palavras e o contexto das frases. Contudo, com o amadurecimento do aparelho psíquico e o estabelecimento do superego, este jogo perde força, uma vez que a extensão da racionalidade e do senso crítico da criança agora estão presentes. Isso resulta no descarte do jogo por ser completamente absurdo ou sem sentido, inviabilizando-o em virtude da crítica racional, que costuma eliminar o efeito prazeroso provocado pelo chiste (FREUD, 1905/1996).

Já na vida adulta, o chiste é efetivado através da inteligência no uso das palavras – ainda como um jogo. Nele existe um levantamento da inibição, que suspende temporariamente o recalque pela emergência de um desejo que está sufocado; e uma criação, quando uma representação inconsciente segue para o pré-consciente e apresenta-se ao consciente do sujeito, que a conta a alguém e

produz nele um efeito constatado pela risada, e este, a fim de experimentar a satisfação e o prazer novamente, conta a outrem trazendo à tona um terceiro, que também é mobilizado e o referencia com o riso (FREUD, 1905/1996).

Freud explica que o chiste procura ou pede pela criação de grupos – ou melhor, paróquias –, afinal é a afinidade dos conteúdos inconscientes que conecta os indivíduos pertencentes (FREUD, 1927/1980).

Considerando que o chiste é estruturado como uma formação do inconsciente, há um trânsito para que o conteúdo da ordem do recalçado alcance o ego sem pagar o preço neurótico da angústia ou do padecimento dos sintomas. O caminho mais econômico é o humor. (MORAIS, 2008).

Gay (2012) considerou Freud sábio por amar a vida, mesmo vivendo situações tão profundamente dolorosas, e por poder expressar a própria criatividade escrevendo sobre o valioso dom do humor que alivia as dores da existência, pois apenas através dele é possível divertir-se no infortúnio. O humor é criado de maneira simbólica e repentina, e através da surpresa e do inesperado manifestos com ímpeto um novo sentido (FREUD, 1927/1980). De acordo com Morais (2008), o humor é articulado e conduz a linguagem e o deslizamento de sentido da palavra.

Em seguida, Morais (2008, p. 119) elucida:

O humor não é resignado, mas rebelde. Assim, o humor possui uma dignidade dos processos que a mente humana cria para se desviar do sofrimento, dignidade esta que o chiste não possui, segundo Freud, uma vez que se presta apenas à produção de prazer ou a serviço da agressividade. Apesar de o humor não propiciar um prazer de intensidade semelhante ao chiste, este prazer tem um valor maior, pois ele é liberador e até mesmo enobrecedor. [...] Freud considera o humor uma contribuição do superego ao cômico, um superego complacente para com o Eu, como um pai para seu filho. O que o humor transmite significa: “Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria!”.

Ainda,

Enquanto homens, estamos ameaçados constantemente pelo sofrimento psíquico provocado pela nossa condição humana — a morte, o envelhecimento, a doença, ameaças do mundo externo, a natureza com suas fúrias —, e pelos nossos companheiros de descrença, os outros homens. Em face destas exigências, criamos defesas regressivas contra o sofrimento psíquico que são a neurose, o delírio, as drogas, o autoabandono, o êxtase, as sublimações. O humor, assim como a arte, é um destes caminhos onde o princípio do prazer triunfa sobre o princípio da realidade, dentro do campo da saúde psíquica, onde o desejo se realiza e se contrapõe à pulsão de morte, onde, na situação-limite de encontro com o real, a pulsão se inscreve no campo das representações,

produzindo um efeito simbólico. Se o chiste é um modelo para se pensar o inconsciente, o humor é uma forma sublimada de lidar com as dores do existir, sem perder a graça (MORAIS, 2008. p. 120).

## **4 METODOLOGIA**

Com o objetivo de fazer uma leitura psicanalítica do riso subjacente às vivências de Arthur Fleck, no filme “Coringa” (2019), elencou-se contextos e discursos manifestos do personagem passíveis de interpretação de conteúdo.

### **4.1 Aspectos Éticos**

Foi respeitada a regulamentação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), para a realização adequada da formatação, escrita, citação de autores e referência bibliográfica. O aparato de materiais coletados foi utilizado objetivamente para fins científicos.

### **4.2 Tipo de Estudo**

Realizou-se uma pesquisa exploratória com o intuito de investigar a correlação entre o humor, a tragédia e a moral sob a noção da psicanálise. De acordo com Gil (2008), a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar visão geral, do tipo aproximativo, acerca de determinado fato, a fim de conduzir o desenvolvimento, a elaboração e modificação de conceitos e ideias. Ainda segundo o autor, essa forma de pesquisa visa elucidar a elaboração de problemas mais precisos ou hipóteses que possibilitem futuras pesquisas e, para isso, utiliza-se fontes bibliográficas ou eletrônicas para a busca de dados e resultados de pesquisas de outros autores, com a finalidade de fundamentar teórica e cientificamente o objetivo determinado.

### **4.3 Coleta de Dados**

O filme utilizado como fonte a ser analisada neste estudo foi acessado através do DVD Original (lançado em 4 de fevereiro de 2020, com 2 horas e 15 minutos de duração). “Coringa, 2019”, com o título original “Joker, 2019”, conta com a direção geral de Todd Phillips, roteiro adaptado por Scott Silver e Todd Phillips, e produção de Bradley Cooper, Emma Tillinger Koskoff e, também, Todd Phillips.

O levantamento do material para análise foi realizado através das bases de dados da SCIELO, PEPSIC e Repositório Institucional Unesp, utilizando os descritores: Moralidade; Psicanálise; Chiste; e Humor. Também se utilizou da

Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, 2 dicionários de Psicanálise e 2 livros acadêmicos.

#### 4.4 Resultados

Para a elaboração do desenvolvimento, foram utilizados 7 livros temáticos e 3 artigos, conforme quadro a seguir:

**Quadro 1 - Fontes de informação consultadas e conteúdos relevantes**

Base/Ano	Tipo de Publicação	Título Original	Autores
SCIELO, 2018	Artigo	O Witz de Freud nas(re)traduções brasileiras: como traduzir chistes, chanças e trocadilhos.	BOHUNOVSKY, R.
AMGH, 2015	Livro	Teorias da Personalidade.	FEIST, J.; FEIST, G. J.; ROBERTS, T.
Imago, 1996 (1905)	Livro	Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente.	FREUD, S.
Imago, 1990 (1914)	Livro	Recordar, repetir e elaborar.	FREUD, S.
UNISINOS, 2004	Livro	O Jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global.	MELUCCI, A.
PEPSIC, 2008	Artigo	Humor e Psicanálise.	MORAIS, M. B. L.
1984	Livro	A Descoberta do Mundo.	LISPECTOR. C.
AMGH, 2013	Livro	Desenvolvimento Humano.	PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D.
UNESP, 2017	Artigo	Os reflexos da infância na vida adulta: uma revisão de literatura.	FONTE, R. F.
Imago, 1980 (1931)	Livro	O mal-estar na civilização.	FREUD, S.



## 5 DESENVOLVIMENTO

### 5.1 A análise propriamente dita: do riso a catarse

Arthur Fleck é um homem de meia idade, pobre, morador da periferia de uma cidade chamada Gotham e atualmente trabalha como palhaço para uma agência de talentos, sendo contratado para realizar pequenos eventos.

Figura 1: Sorriso forçado



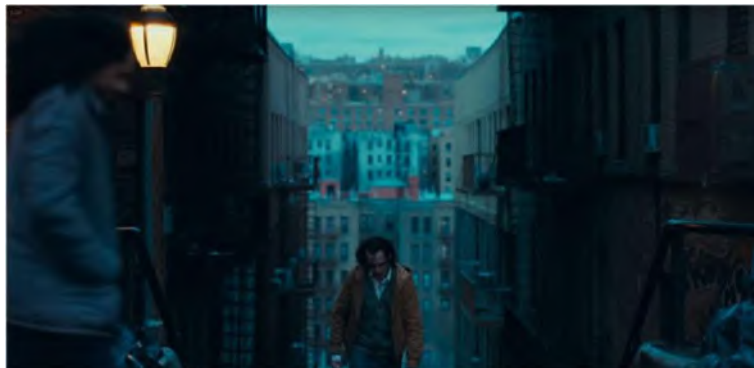
Fonte: <https://dimitrivieira.com/coringa-e-o-storytelling/> consultado em 22/05/2021

No primeiro sorriso, Arthur revela-se introvertido, deslocado dos vínculos sociais e invisível aos demais, uma vez que os colegas de trabalho estão jogando baralho e rindo enquanto ele está de costas maquiando-se, não apenas com as tintas sobre o rosto, mas forçando-lhe um sorriso com os próprios dedos. É válido ressaltar que neste momento o rádio anuncia uma infestação de ratos devido à greve dos lixeiros e, mesmo parecendo que Arthur está avoado diante dos fatos sociais e do ambiente, pode-se considerar que o sorriso e as lágrimas sejam uma resposta ao todo.

A premente insegurança e incerteza da vivência humana revela uma fragilidade nas relações sociais, a qual aponta-se às maneiras de se relacionar na modernidade. Uma das consequências disso é a facilidade em não estabelecer responsabilidade mútua, o que facilita a desconexão com o outro. Todo este contexto pode ser, segundo Bauman (2004), orientado pelo sentimento da falta.

Os objetos específicos, aos quais a falta se orienta, são construídos a partir das redes sociais às quais o indivíduo pertence. Contudo, a falta é produto da cultura e resultado da construção social (MELUCCI, 2004).

Figura 2: Arthur subindo as escadas



Fonte: <https://gogunnn.medium.com/coringa-fant%C3%A1stico-e-doloroso-c9eef7d3964>

consultado em 22/05/2021

Segundo Melucci (2004), há uma diferenciação entre o vazio e a falta: o vazio é instaurado a partir da desistência da busca; já a falta é a grande mobilizadora da busca, é um movimento à realização do desejo. No caso de Arthur, o desejo de pertencer.

Há uma constante e insistente pulsão mantenedora da vida em Arthur, a qual resiste as intempéries cotidianas sociais, econômicas e violentas. Estapulsão de vida é constatada através da busca por: um tratamento de escuta oferecido pelo serviço social, a fim de aliviar as dores e os sofrimentos psíquicos; a ingestão medicamentosa; permanecer trabalhando; a vontade de tornar-se comediante; entre outros.

Diante destes contextos, há um cotidiano desgastante e tedioso, no qual as repetições, emocionais e comportamentais, estão explícitas. De acordo com Freud (1914/1990), é através de um o retorno à arqueologia dos sintomas, à infância, que se pode alcançar a reinvenção do futuro. Porém, ainda segundo o autor, enquanto o indivíduo não relembrar, este seguirá repetindo. Tal repetição pode transformar o presente em algo sem sentido e causar a sensação de estagnação na vida.

Figura 3: Risada dolorida



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=LSH7vXkIUKE>, consultado em 22/05/2021

Como dito anteriormente, Arthur faz acompanhamento no serviço social gratuito da cidade e, durante determinado atendimento, Arthur ri chorando, de tal maneira que em dado momento não é possível distinguir o que é riso e o que é choro. O personagem parece rir como consequência dos pensamentos e emoções que estão surgindo quando a assistente social o questiona sobre determinados temas que o levam a resgatar a sensação de nunca ser escutado.

Quando o analisando ri de uma intervenção do psicanalista, é ele próprio a terceira pessoa que ri, mas o alvo de seu riso é também uma parte alienada de seu Eu. Isto mostra que ele é capaz de reconhecer como familiar aquilo que estava escondido nas dobras de seu psiquismo. E nos faz pensar na proximidade do humor com o estranho, o horror mesclado ao riso, o riso úmido de lágrimas. [...] O ato psicanalítico promove efeitos de saber sobre o sujeito e provoca o estranho e a possibilidade do encontro com algo familiar, naquilo que é verdadeiramente não familiar (MORAIS, 2008. p. 121).

Morais (2008) reafirma a possibilidade do humor como uma ferramenta efetiva para a intervenção clínica por promover a subversão. Ainda que o humor não tenha sido utilizado pela Assistente Social, algo da natureza familiar foi mobilizado em Arthur, considerando que, após o riso, ele indaga a questão trágica norteadora de suas cansativas repetições: “é impressão minha ou o mundo está ficando mais doido?”. E, na fala de encerramento da cena, Arthur argumenta “eu só não quero me sentir tão mal”, revelando a negligência da profissional diante da reafirmação da dor cotidiana do usuário do serviço.

Figura 4: Risada estridente



Fonte: <https://pipocanamadrugada.com.br/site/critica-coringa/>, consultado em 22/05/2021

Em dados momentos, Arthur apresenta uma risada diagnosticada como sendo patológica, por seu caráter desconexo às emoções. Durante o enredo, essa risada se repete nos momentos em que o personagem é rejeitado, violado ou incompreendido. Na cena representada na figura 4, Arthur ri desenfreadamente após ser interrompido e agressivamente questionado por provocar risos a uma criança no ônibus. A total escassez de entendimento sobre o comportamento hostil e gratuito da cuidadora da criança engatilha, em Arthur, o riso.

Segundo Freud (1927/1980), a verdade pode ser confirmada pelo desencadeamento do riso, o qual está relacionado à ativação de algum conteúdo da ordem do registro do trágico, que quando tocado, pode desencadear uma risada estridente.

Figura 5: Arthur cuidando da mãe, Penny Fleck



Fonte: <https://pipocanamadrugada.com.br/site/critica-coringa/>, consultado em 22/05/2021

Ao fantasiar um encontro com o Murray Franklin, apresentador de um famoso talk show chamado “That’s Life”, Arthur revela, esperando grande mérito e aprovação, que desde criança cuida da mãe e assume o papel de “homem da casa”. Naquele momento, o personagem relata, com comportamento infantilizado, que sua mãe sempre o disse para colocar um sorriso no rosto e que sua missão era espalhar risos e alegria.

A mãe, Penny Fleck, é uma mulher da terceira idade, que apresenta determinada invalidez e por isso necessita dos cuidados do filho, Arthur, o qual o faz com considerável exagero. Tal afeição ostensiva pode estar relacionada a um mecanismo de defesa do ego para lidar com um conteúdo inconsciente contrário ao discurso ou comportamento manifestos, a este mecanismo dá-se o nome de Formação Reativa (FEIST; FEIST; ROBERTS, 2015).

De acordo com Freud (1926/2006), o ego utiliza-se de muita energia psíquica para manejar os mecanismos de defesa que evitam o enfrentamento direto com os impulsos sexuais e agressivos, a fim de defender-se da ansiedade que os acompanha. Com isso, sobra menos energia para o investimento nos impulsos do id – amorais, atemporais e inconscientes. Ainda, o autor ressalta que a formação reativa nada mais é que a busca por encobrir algo inaceitável através da adoção de uma posição oposta.

O comportamento reativo é identificado pelo caráter exagerado, de forma obsessiva e compulsiva. Tal compensação exagerada foi chamada por Freud (1926/2006) de transbordamento, onde o indivíduo tenta se distanciar ao máximo do que está censurado nele, alcançando o outro lado, o oposto, o extremo.

Penny sempre se dirige ao Arthur como “Feliz”, em contraponto, quando ele comenta que seu show de Stand Up está pronto para ser apresentado, ela o questiona: “como pode ter certeza? Não precisa ter graça para ser comediante?”. Neste contexto, é possível considerar uma tentativa fracassada de chiste, afinal Arthur não ri. Contudo, Freud (1905/1996) ilustra que aquele que deixa escapar inopinadamente a verdade na realidade encontra-se feliz por tirar a máscara.

É válido ressaltar a discordância e dualidade de discurso que Penny tem

em relação ao filho: por um lado ela atribui uma missão a ele, a qual Arthur tenta corresponder fielmente; mas por outro ela desconfia de sua capacidade de fazer rir.

Figura 6: Sorriso fixo, intenso e silencioso



Fonte: <https://revistapagu.com.br/oscar-2020-a-construcao-estilistica-da-atuacao-de-joaquin-phoenix-em-coringa/>, consultado em 22/05/2021

Conforme o representado na figura 6, ao receber uma injusta punição no trabalho, a marcante “auto corrosão” expressa no sorriso de Arthur, manifesta obediência e fidelidade à figura da mãe que constantemente o faz lembrar de seu lugar no mundo, “Feliz”. Tal fidelização se dá pela introjeção dos impulsos agressivos para não perder o amor da figura objetal (FREUD, 1930/1990).

Figura 7: Risada estridente



Fonte: <https://www.hypeness.com.br/2019/10/conheca-a-doenca-que-inspirou-a-risada-do-coringa-e-seus-sintomas/>, consultado em 22/05/2021

Enfim, o ato!

Após ser demitido, durante o trajeto de volta para casa, Arthur teve uma



crise de riso no metrô, a qual resultou na petulância de três homens bêbados – investidores da empresa de Thomas Wayne – que não quiseram ouvir o porquê do riso (pequeno cartão justificando a patologia das risadas), então Arthur decide não os ouvir como retribuição. Rejeitando a rígida moral apresentada até o presente momento, realizando o suposto desejo: o assassinato.

Freud (1931/1980) explica que é preciso escolher entre ser bem-visto, aceito e respeitado pelos outros, ou saciar seus desejos. Sendo sempre importante realçar que tal conflito é estabelecido pelas instâncias: da realidade, regida pelo ego; e a da moralidade, regida pelo superego. Tal conflito é impulsionado por demandas inconscientes, regidas pelo id.

E, pela primeira vez na vida de Arthur, o traído foi o superego.

Figura 8: Dança reorganizadora



Fonte: <https://pipocanamadrugada.com.br/site/critica-coringa/>, consultado em 22/05/2021

Após o assassinato, Arthur corre, fugindo do local da cena do crime, até chegar num banheiro público que está vazio e lá expressa uma espécie de dança. A qual pode ser interpretada como um reencontro, um pertencimento à si, uma vez que agora, literalmente diante do espelho, tem sua culpa minimizada pelo gozo permitido e compartilhado. O desejo fora realizado a partir da desobediência e rebeldia à uma instância de si (superego) e à moral. Trata-se de uma catarse, uma purgação individual.

Figura 9: “Don’t Smile”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=mnt-rgTYiAs>, consultado em 22/05/2021

Após a oficialização da demissão, Arthur sai rindo da agência e ao descer as escadas, na saída há uma placa com a frase “Don’t Forget to Smile” (Não Esqueça de Sorrir), a qual Arthur a transforma em “Don’t Smile” (Não Sorria).

Além da traição já compreendida, simbolicamente pode-se resgatar o conceito de Freud (1914/1990) sobre a reinvenção de um futuro, não mais preso na monotonia e cansaço do presente, a partir da compreensão da própria repetição. É importante mencionar que agora Arthur opõe-se ao lugar de “Feliz” dado pela mãe.

Figura 10: Apresentação no Stand Up Comedy



Fonte: <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/coringa-volta-a-ficar-no-topo-da-bilheteria-nos-eua-seguido-por-malevola-dona-do-mal/>, consultado em 22/05/2021

Arthur sonha com a carreira de comediante no Stand Up Comedy local e, após diversas anotações feitas a partir da observação de outros comediantes, em uma determinada noite ele se apresenta baseando-se no repertório de piadas descritas em seu caderno. Porém, as tentativas de fazer a plateia rir são fracassadas. Não importa o quanto suas piadas o fazem rir, os conteúdos



cômicos não alcançam o público. Tal situação reflete a não efetivação do almejado chiste.

Nas piadas trazidas por Arthur, há respeito às propriedades formais da produção do Chiste, as quais Freud (1905/1996) intitulou: a) brevidade; b) desconcerto; e c) iluminação. A problemática é que, apesar de Arthur iluminar à censura que constrói e sustenta as dinâmicas dos papéis e estruturas sociais, ele não alcança ou cativa o outro. É como se o terceiro, o inconsciente de ambos, não se encontrassem.

Um fato importante é que o processo de produção do chiste não se contenta na realização para si, não se encerrando enquanto não é contado para alguém. “Enquanto não é falado ao outro, fica à procura de conclusão, de sentido” (SANTOS, 2001, p. 610). Contudo, o chiste está obrigatoriamente relacionado a correspondência do riso frente ao gracejo apresentado e, quando este não acontece, trata-se apenas de um esboço. (FREUD, 1905/1996)

Levando em consideração a eminente frustração vinculada à situação, há uma hipótese de que o ego de Arthur tenha se utilizado de um mecanismo de defesa chamado fantasia, o qual viabilizou a criação de um cenário fantasioso para proteger-se do desprazer iminente. Assim, na fantasia, ele realiza o desejo diminui a tensão (FREUD, 1926/2006). Tal mecanismo de defesa relaciona-se à fantasia do público rindo das piadas e da presença de uma acompanhante especial para Arthur, sua vizinha Sophie.

Figura 11: Risada chorosa



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VmFPC7adrfq>, consultado em 22/05/2021

Ao ler uma das cartas que Penny Fleck enviava constantemente ao Thomas Wayne, Arthur descobre que Thomas é seu pai. E, ignorando quaisquer barreiras da divergência entre as classes sociais de ambos e o próprio histórico

de rejeição, pois Thomas nunca respondeu nenhuma carta, Arthur o procura. Como resposta, obteve rejeição, agressão, desprezo e uma nova versão da história de sua vida: Penny, a mãe, é uma doente mental que o adotou e inventou a história de que ela e Thomas Wayne tiveram um caso.

Mais uma vez, é possível observar a manifestação da pulsão de vida (FREUD, 1920/2006), agora representada pela grande força e intenção investigativa para desvendar sua história, a verdade sobre si e sua origem. Tal busca faz com que Arthur dirija-se ao Hospital Psiquiátrico Arkham, onde a mãe foi supostamente internada.

No Arkham, Arthur rouba o prontuário de Penny Fleck, onde consta os registros dela há mais de 30 anos. E, ao lê-lo, Arthur descobre que a mãe é diagnosticada com Transtorno de Personalidade Narcisista e Psicose Delirante, apresentando comportamento extremamente bizarro, contendo histórico de abuso físico. Arthur também encontra sua ficha de adoção e um relatório onde Penny alega que Thomas fez essa armação para guardar o segredo do relacionamento dos dois. E, por fim, Arthur lê a descrição de uma conversa judicial na qual, ao ser questionada sobre o suposto filho adotivo ter sido encontrado amarrado ao radiador, num apartamento sujo, malnutrido, com múltiplas escoriações pelo corpo e trauma severo na cabeça, Penny responde: “eu não ouvi ele chorar. Um garotinho feliz é a imagem que vem à minha cabeça”.

E, assim... quebra-se a fantasia!

A força da repetição se junta a força da lembrança, resultando numa separação com o outro (FREUD, 1914/1990).

Neste sentido, entende-se por trauma:

toda aquela ferida ou lamentação, lesão que se provoca sobre o organismo ou sobre o psicológico de uma pessoa, causando alterações do funcionamento normal de certos elementos. Um trauma pode variar seguramente em termos de gravidade, embora na maioria dos casos a noção de trauma está vinculada a uma ferida ou lesão que deixa algum tipo de seqüela, seja ela, física, moral, emotiva ou mental. Os traumas psicológicos podem ser muito mais difíceis de curar que os traumas físicos, pois se existem procedimentos de terapia para serem tratados, estes podem não ser sempre iguais dos efetivos. Além disso, um trauma psicológico pode mudar completamente a personalidade de um indivíduo e transformar sua vida em uma experiência totalmente diferente (FONTE, 2017, p. 16-17).

A autora acrescenta que os desfechos de uma vivência de abuso precoce

podem acarretar alterações no desenvolvimento psicológico e alterações biológicas, sejam elas funcionais ou anatômicas.

Papalia e Feldman (2013) realçam que, se diante das questões de violência e abuso a figura materna reagir de maneira adequada aos sinais emitidos pela criança, com continuidade e coerência, esta poderá estruturar o seu mundo, reconhecendo a regularidade e acolhimento no ambiente e no vínculo com o outro, o que caracteriza o previsível e o caloroso, e não ameaçador. Este cuidado permite o desenvolvimento de sentimentos de segurança, a criança passa a acreditar que a esperança é possível.

No entanto, se o comportamento da mãe for errático, de maneira a não atender ou não ter sensibilidade aos sinais apresentados, o mundo da criança será caótico e imprevisível e esta crescerá receosa, medrosa, assustada, sedimentando à desconfiança. Tal situação pode ser traduzida em termos de estruturação psicopatológica, realçando, em nível do desenvolvimento biológico embrionário e em nível do desenvolvimento mental. É válido ressaltar que quão mais precoces se estabelecem as perturbações, mais determinantes e graves serão as respectivas consequências (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

A estridente risada apresentada por Arthur durante a leitura dos registros da mãe, pode ser compreendida enquanto humor. No início dos trabalhos de Freud sobre o tema, em 1905, ele pensou a noção do deslocamento no humor como um mecanismo de defesa, uma vez que nele já a intenção de impedir a geração de desprazer a partir de fontes internas. O que faz sentido, afinal isto conecta-se com o infantil, que lhe coloca à disposição os meios para executá-lo, pois apenas na infância existem afetos dolorosos dos quais o adulto ri hoje, desi mesmo (MORAIS, 2008).

Figura 12: Arthur, agora como Coringa, descendo as escadas



Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/cultura-geek/147081-escadaria-coringa-vira-ponto-turistico-nova-york-irrita-moradores.htm>, consultado em 22/05/2021.

Diferentemente das cenas anteriores, onde Arthur subia essas escadas, com roupas em tons de cinza e verde, cabisbaixo e desanimado, agora, Coringa, colorido, maquiado e supostamente “realizado”, desce as escadas dançando, para ir ao tão sonhado programa do Murray Franklin.

É válido pensar a concretização da possível elaboração de um novofuturo, fundamentada por Freud, na obra “Recordar, Repetir e Elaborar”.

Figura 13: Coringa caminhando com uma lágrima escorrendo pelo rosto



Fonte: <https://www.tribuna.com.br/variedades/popart/coringa-a-loucura-que-incomoda-1.72163>, consultado em 22/05/2021

... o que não impede o reconhecimento e legitimação de uma lágrima, afinal a tragédia é sempre iminente.

Figura 14: Riso sarcástico



Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/cultura-geek/206073-filme-coringa-historia-personagem-pos-sorriso-rosto.htm>, consultado em 22/05/2021

Arthur foi convidado para ir ao programa do Murray Franklin. Lá, Arthur pede ao Murray que se dirija a ele como “Coringa”.

Durante a entrevista, Coringa traz uma piada:

- Toque, toque...
- Quem está batendo aí?
- É a polícia, minha senhora, um motorista bêbado atropelou seu filho. Ele morreu.”

Conhecendo o histórico de Arthur, sabe-se que ele está se referindo a uma verdade pessoal, talvez coletiva. Isso o faz rir. Esta é sua tragédia. Mas não alcança o riso do outro e obtém como resposta “não, com isso não dá para brincar”, enquanto o próprio apresentador reforça: “isto não tem graça, Arthur. Este não é o tipo de humor do nosso programa”.

Subsequentemente, Arthur revela ter assassinado os três homens nomeados e Murray o questiona sobre achar graça nisso:

“eu acho, e cansei de fingir que não é. [...] Eu matei aqueles caras porque eles eram péssimos. Todo mundo é péssimo hoje em dia, é o que basta para a gente enlouquecer. [...] Por que está todo mundo tão preocupado com esses caras? Se fosse eu morrendo na calçada, vocês passariam por cima de mim. Passo todo dia por vocês e não ligam para mim [...] você já viu como é que é lá fora, Murray? Por acaso você sai do estúdio? As pessoas só gritam e berram umas com as outras, ninguém nunca é educado! Ninguém pensa como é estar no lugar do outro cara. Pensa que homens como Thomas Wane sabem, por acaso, como é ser igual a mim? Ser alguém diferente deles? Não sabem não! Eles acham que a gente vai ficar sentado e aguentar tudo como meninos bonzinhos, sem ficar revoltado e quebrar tudo. [...] Quer ouvir outra piada, Murray? [...] O que você consegue quando cruza um doente mental solitário com uma sociedade que abandona ele e trata como lixo esse cara? Eu digo o que consegue. Você consegue a merda que merece!”

A redução do chiste resulta, na maioria dos casos, na eliminação do riso, pois o potencial chistoso ou cômico está inerentemente ligado à maneira como

é contado. Mudá-la ou explicá-la extingue o riso (MORAIS, 2008).

Esta ambiguidade, que aponta tanto para a vida como para a morte, revela como o humor pode ser um último véu a cobrir e descobrir o horror. É o humor enquanto afirmação do desejo diante da adversidade e da morte. Humor lúcido e trágico, ao mesmo tempo triunfal, alegre, ou seja, o humor freudiano, em sua associação íntima com a morte, é tragicômico. [...] O humor permite a inscrição da intensidade pulsional no universo das representações, ainda que em situações-limite. Permite que o sujeito afirme seu desejo contra a pulsão de morte que o habita (MORAIS, 2008, p. 116 - 117).

Morais (2008) diz que, diferentemente do chiste e do cômico, no humorhá, segundo Freud, algo da natureza de grandeza e elevação, o Eu se recusa a sofrer as imposições da realidade, representando a vitória do Eu sobre o mundo externo e, também a vitória do princípio do prazer, no modo de funcionamento do processo primário, característico do inconsciente. O desejo se afirma diante a pulsão de morte e a pulsão cria caminhos simbólicos, encontrando outros objetos de satisfação. Apesar do triunfo do narcisismo enfatizado por Freud, o humor denuncia o fracasso e a impossibilidade de realização das ilusões narcísicas do Eu, leva ao desinvestimento da idealização e a desmontagem das certezas, assim o desejo abre caminhos. O humor consiste na afirmação teimosa e rebelde do erotismo e do desejo do sujeito. O caráter rebelde do humor se opõe à resignação masoquista do sujeito diante do real e aos imperativos sociais (MORAIS, 2008).

De acordo com Moraes (2008), os responsáveis pela captação da fragilidade do homem, seus conflitos, sua finitude, sua dor e seu sofrimento são os humoristas. Estes cravam as unhas no mal-estar, desviam do interdito e dali saem com um dito espirituoso que os faz rir de si mesmos, ou do outro, e faz o outro rir. Os humoristas revelam as contradições, falhas e imperfeições. Através do humor, todo poder constituído é gozado, as teorias perdem sua pomposidade, as religiões, as ideologias mostram sua face frágil e nua. Contudo, o humor é transgressor!

Figura 15: Sorriso contemplativo



Fonte: <https://reservacinefila.com.br/coringa-e-suas-cenas-ambiguas/>, consultado em 22/05/2021

Enquanto o neurótico reprime e gratifica simbolicamente através de sintomas, o perverso expressa diretamente seu desejo com sua conduta sexual (ZIMERMAN, 1999).

Quando uma exigência pulsional proibida pela realidade apresenta-se, de acordo com Zimerman (1999), o ego precisa decidir entre: a) reconhecer o perigo real, cedendo ante ele e renunciando à satisfação pulsional; b) ignorar a realidade, convencendo-se de que não existe motivo para medo, a fim de conseguir manter a satisfação. Para a segunda opção, dá-se o nome de “perversão”.

Ainda, Zimerman (1999) traz a etimologia da palavra “perversão”: “per” + “vertere” = pôr às avessas, desviar. Tal significado designa o ato do sujeito de perturbar a ordem ou o estado natural das coisas. Os perversos consideram as alterações que provocam como sendo boas e normais para a ética do mundo ao qual pertencem, implicando no esclarecimento da consciência das próprias escolhas e da conduta oposta à moral, que desafia as leis, sabendo de que seus atos transgredem e desrespeitam aos seus pares e à ordem social.

Arthur apresenta a perversão e revela-se sádico quando acusado, pelo motorista da viatura policial, de culpa e responsabilidade pelo caos provocado, Arthur responde afirmativamente e complementa: “e não é bonito?”, com um grande sorriso contemplativo. Esclarecendo o prazer em causar sofrimento.

Figura 16: Sorriso feito com o próprio sangue enquanto é ovacionado



Fonte: <https://www.select.art.br/a-mascara-da-morte/>, consultado em 22/05/2021

[...]Por uma fração de segundo a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isto se chamaria talvez de narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo. (LISPECTOR, 19 de agosto, em: A Descoberta do Mundo, 1984)

Figura 17: Sorriso livre no Asilo Arkham



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ZZiclkH3y48>, consultado em 22/05/2021

Por fim, Arthur encontra-se internado no Asilo Arkham. O riso livre surge ao pensar numa piada, mas quando a psiquiatra o indaga: “você quer contar para mim?”, Arthur revela o despir-se da tentativa de se fazer entender e responde: “você não ia entender”.

O humor torna o sujeito capaz de rir de si mesmo e mostra que toda verdade é incompleta, que o ser humano é insuficiente, e quando a vida mostra a sua imperfeição e falha, ainda assim vale a pena uma boa risada. (MORAIS, 2008. p. 118).

Sobretudo, o humor completa o seu curso dentro de uma única pessoa, não é necessário uma outra para a fruição do prazer humorístico.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dunker e Thebas (2019), no livro “O Palhaço e o Psicanalista”, descrevem o importante lugar do palhaço, enquanto um escutador da tragédia da vida, que representa a realidade exagerando as deformações socialmente criadas sobre ela. Os autores revelam que os traços do palhaço mostram uma profunda afinidade entre a ficção e a verdade das coisas, a qual refere-se à verdade humana de preferir enganar-se, criar ilusões para si, orientar-se por fantasias e deixar-se levar por enganos que são apenas respostas à força dos próprios desejos. Thebas (2019) esclarece que o riso do público tem origem na consciência (ou inconsciências) das verdadeiras correlações entre si e o personagem, ambos são: infantis, iludidos, humanos ridículos e limitados. Rir do palhaço, é rir de si por escutar, por meio dele, a própria verdade.

Somando os argumentos dos autores acima e o vulnerável discurso de Coringa: “eu não tenho mais nada a perder, nada mais me machuca. Minha vida não passa de uma comédia!”, neste momento, Arthur revela a compreensão do lugar social do palhaço: ele não interpreta um personagem. Ele é. E ele é de tal forma que coloca em questão a relação entre o real e a verdade. Afinal, este acolhe a vida como ela é, em toda a extensão de sua miséria e com toda a ficção que ela comporta, revelando a verdade supostamente insuportável ou intolerável que se faz presente.

Em 1966, Frank Sinatra lançou uma das mais marcantes músicas de sua carreira, “That’s Life”. Contando com a composição de Dean Kay e Kelly Gordon, a música revela a presente pulsão de vida: “é a vida”, investindo libido mesmo reconhecendo os altos e baixos dela, mas também retrata a possibilidade da pulsão de morte: “e se eu não pensasse que valesse uma única tentativa, eu pularia direto em um grande pássaro e então eu voaria”. Seria, esta segunda, uma catarse?

No texto de 15 de junho, o qual refere-se à uma das cartas da obra “A Descoberta do Mundo” (1984), Clarisse Lispector ilumina o não pertencimento desde o útero e a constante e dolorosa tentativa de pertencer ao longo da vida. Partindo dos pressupostos oferecidos pela autora, ao romper o vínculo moral social, Arthur revela-se cansado de tanto tentar pertencer e comprimir-se para caber em espaços, relações, regras e padrões limitantes e, de maneira catártica,

decide, agora, enquanto Coringa, pertencer a si mesmo.

Por fim, na última cena do filme, a partir do surpreendente posicionamento ao ser questionado se havia interesse em compartilhar a piada lembrada, Arthur discursa “...você não ia entender”, com risos. Tal resposta permite a abertura da reflexão sobre a narrativa ser baseada numa realidade compartilhada, onde a história do longa deu origem ao herói Batman; ou numa realidade particular, a qual a criou como proteção, causa, ou mero espetáculo criativo.

Arthur existe e vive sua catarse! Este é o grande fator mobilizador da presente análise psicanalítica: validar a legitimação e dignidade de ambas as versões.

Afinal, “escutar é uma arte que envolve risco” (DUNKER e THEBAS, 2019. p. 19)

## REFERÊNCIAS

**BATMAN: A Piada Mortal.** São Paulo: Abril S. A. - Divisão Jovem, n.3. abril, 1999.

**BATMAN: O Cavaleiro das Trevas;** Direção: Christopher Nolan. Produção: Legendary Pictures. Estados Unidos: Warner Bros, 2008. 1 DVD.

BAUMAN, Z.. **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOCK, A. M. B., FURTADO, O., & TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias:** uma introdução ao estudo de psicologia. 14ª ed.. São Paulo: Saraiva, 2008.

BOHUNOVSKY, R. **O Witz de Freud nas (re)traduções brasileiras:** como traduzir chistes, chanças e trocadilhos. Scientific Electronic Library Online. São Paulo: SCIELO, 2018.

BREUER, J.; FREUD, S. (1895). **Estudos sobre a histeria.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990

**CORINGA;** Direção: Todd Phillips. Produção: Village Roadshow Pictures. Estados Unidos: Warner Bros, 2019. 1 DVD.

DUNKER, C; THEBAS, C. **O palhaço e o psicanalista:** como escutar os outros pode transformar vidas. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FEIST, J.; FEIST, G. J.; ROBERTS, T.. **Teorias da personalidade.** Odette de Godoy Pinheiro. 8. Ed. Porto Alegre: AMGH. 2015

FLORES, V.S.. **Traumas da infância e suas consequências nas várias etapas da existência humana.** Monografia apresentada ao Curso de pós-graduação em Terapia Transpessoal do Grupo Ômega de Estudos Holísticos Transpessoais. Salvador: INCISA, 2008.

FONTE, R. F. **Os reflexos da infância na vida adulta:** uma revisão de literatura. Repositório Institucional Unesp. Araçatuba: UNESP, 2017

Frank Sinatra, **Música: That's Life.** Recuperada em 01 de abril de 2021, de <https://www.letras.mus.br/frank-sinatra/36443/traducao.html>

FREUD, S. A. (1914) **História do movimento psicanalítico.** Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos. ESB vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1900) **A interpretação dos sonhos.** Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. vols. 4-5. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1905) **Os chistes e sua relação com o inconsciente.** Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. vol. VIII. Rio de

Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1968.

FREUD, S. (1908). **Moral sexual “civilizada” e a doença nervosa moderna**. Edição standard brasileira das obras completas. vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1913). **Totem e tabu**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1914). **Recordar, repetir e elaborar**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1914). **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1917). **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. 16. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1920). **Além do princípio do prazer**. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1923). **O ego e o id**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1926). **Inibições, sintomas e ansiedade**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. 20. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1926) **Um estudo autobiográfico**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1927). **O humor**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XXI Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1931). **O mal-estar na civilização**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1939). **Moisés e o monoteísmo**. A renúncia aos instintos. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Zahar,

2009.

GAY, P. (1923). **Freud: uma vida para o nosso tempo**. Consultoria Editorial Luiz Meyer. 2a ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

JABLONSKI, B.. **Catarse da Agressão: um exame crítico**. Departamento de Psicologia Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, 1978.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. (1961). **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LISPECTOR. C. **A descoberta do mundo**. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro:1984.

MELUCCI, A.. **O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

MORAIS, M. B. L. **Humor e psicanálise**. Estud. psicanal. n.31. p. 113 – 123. Belo Horizonte: PEPSIC, 2008.

NATÉRCIA, F. **Fazer chiste não é fazer piada**. Ciência e Cultura. vol. 57 n.2. São Paulo: SBPC, 2005

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. PortoAlegre: AMGH, 2013

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

SANTOS, A. T. **Desejo e pulsão nos processos de sublimação**. Dissertação deMestrado do curso de Educação. São Paulo: USP, 2014.

SANTOS, P. C. **Os chistes e os quase-chistes: considerações à cerca da fala da criança**. Letras de Hoje. vol. 36, n 3. Porto Alegre: 2001.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática**. Porto Alegre: ARTMERD, 1999.

ZIMERMAN, D. E. **Manual de técnica psicanalítica: uma revisão**. Porto Alegre:ARTMED, 2004.

**ANEXO**

## Anexo 1 - Música: That's Life

Autor: Frank  
Sinatra

**Inglês (Original)**

That's Life

That's life (that's life), that's  
what all the people say You're  
ridin' high in April, shutdown in  
May  
But I know I'm gonna change  
that tune  
When I'm back on top, back on  
top in June

I said that's life (that's life), and  
as funny as it may seem Some  
people get their kicks stompin'  
on a dream  
But I don't let it, let it get me  
down  
'Cause this fine old world, it  
keeps spinnin' around

I've been a puppet, a pauper,  
a pirate, a poet, a pawn and a  
king  
I've been up and down and  
over and out and I know one  
thing  
Each time I find myself flat on  
my face  
I pick myself up and get back in  
the race

That's life (that's life), I tell  
you I can't deny it  
I thought of quitting, baby, but  
my heart just ain't gonna buy it

And if I didn't think it was worth  
one single try  
I'd jump right on a big bird  
and then I'd fly

I've been a puppet, a pauper, a pirate, a  
poet, a pawn and a king  
I've been up and down and over and out and  
I know one thing  
Each time I find myself layin' flat on my  
face  
I just pick myself up and get back in the  
race

That's life (that's life), that's life and I  
can't deny it  
Many times I thought of cuttin' out but  
my heart won't buy it

But if there's nothin' shakin' come this  
here July  
I'm gonna roll myself up in a big ball and  
die  
My, my!

**Português (Tradução)**

É A Vida

É a vida (é a vida), isso é o que todas as  
pessoas dizem  
Você está no voando alto em abril,  
abatido em maio  
Mas eu sei que eu vou mudar esse tom  
Quando eu estiver de volta ao topo, de  
volta ao topo em junho

Eu disse é a vida (é a vida), e por mais  
engraçado que isso possa parecer  
Algumas pessoas se divertem  
pisoteando em um sonho  
Mas eu não deixo isso, deixo isso me  
deixar para baixo  
Porque esse belo e velho mundo, ele  
continua a girar

Eu já fui um fantoche, um  
pedinte, um pirata, um poeta,  
um peão e um rei

Eu já estive por cima, por  
baixo, por dentro e por fora e  
uma coisa eu sei

Cada vez que eu me  
encontro de cara no chão Eu  
me levanto e me levo de  
volta para a disputa

É a vida (é a vida), te digo que  
isso eu não posso negar Eu  
pensei em desistir, baby, mas  
meu coração simplesmente  
não vai comprar essa

E se eu não pensasse que  
valesse uma única tentativa Eu  
pularia direto em um grande  
pássaro e então eu voaria

Eu já fui um fantoche, um  
pedinte, um pirata, um poeta,  
um peão e um rei

Eu já estive por cima, por  
baixo, por dentro e por fora e  
de uma coisa eu sei

Cada vez que eu me  
encontro de cara no chão Eu  
me levanto e me levo de  
volta para a disputa

É a vida (é a vida), essa é a  
vida e eu não posso negar  
isso

Muitas vezes eu pensei em  
pular fora, mas meu coração  
não vai comprar essa

Mas se não houver nada  
acontecendo nesse julho  
Eu vou me enrolar em uma  
grande bola e morrer  
Nossa, nossa!